

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM SILVA JARDIM (SÉCULO XIX)

Márcia A G Molina (UNISA/SP)
maguemol@yahoo.com.br

Nosso objetivo neste trabalho foi o de analisar um texto publicado na imprensa periódica do século XIX, à luz da AD [na linha francesa], servindo-nos, em especial de Van Dijk, em seu *News as Discourse* (1988). Para nossa análise selecionamos um discurso proferido por Silva Jardim no Rio de Janeiro, em 21/09/1888, e publicado em partes, por nove dias, no ano subsequente, começando no dia 22/10 até o dia 04/11, mais de um ano depois, nas páginas do *Correio do Povo*, às vésperas da Proclamação da República. Esse discurso, no jornal, foi publicado com o nome *Movimento Republicano*.

No dia que antecedeu à sua publicação, ou seja, no dia 21/10, em nota, o jornal esclareceu:

O Correio do Povo começará amanhã a publicar este discurso. Preparado para a publicidade desde que foi proferido, só agora pôde ser dado à imprensa. Tem, entretanto, como o leitor verá, a mesma atualidade que quando foi pronunciado.

Vale informar que o discurso é uma réplica ao proferido por Joaquim Nabuco, contra o movimento republicano, na Câmara dos Deputados.

Analisaremos três dos níveis ou dimensões textuais sugeridos por Van Dijk na obra supracitada:

- a) Coerência local;
- b) Implícitos;
- c) Estilo e Retórica.

Van Dijk explicita que uma análise adotando os pressupostos da AD deve caminhar para além do textual, considerando também "os contextos cognitivo, social, cultural ou histórico". (*Op. cit.* p. 111).

Assim, começaremos discorrendo sobre o autor e o contexto de criação de sua obra, para depois partimos para a análise.

1. Silva Jardim e o contexto de produção de sua obra

Antônio da Silva Jardim, um dos mais brilhantes jornalistas do final do século XIX, nasceu em Capivari, Rio de Janeiro, atualmente Silva Jardim, a 18 de agosto de 1860. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se em 1882, ano em que começa a lecionar no Curso Anexo da Escola Normal de São Paulo. Três anos depois, demite-se do cargo e transfere-se para Santos onde se dedica ao ensino e à advocacia.

Sua notável campanha política pró-República inicia-se em janeiro de 1888, por ocasião do ato do governo imperial de destituir de seu mandato os vereadores da Câmara Municipal de São Borja que haviam indicado que o país deveria ser consultado sobre o fim da monarquia pela morte do Imperador, visto ser a princesa Isabel “uma princesa fanática, casada com um príncipe estrangeiro” (FÁVERO; MOLINA, 2008).

Essa atividade se estende até 1890 com o manifesto de dois de outubro, dirigido ao Partido Republicano do Estado do Rio, em que faz um exame dos resultados da primeira eleição do novo regime. Em novembro desse mesmo ano, parte para a Europa com a família e a primeiro de julho de 1891 morre tragado pelo Vesúvio.

Sua obra compreende opúsculos, manifestos e artigos, todos de propaganda republicana, tendo sido considerado a “voz mais intrépida e o pensamento mais arrojado” da época. Muitos desses discursos foram pronunciados veementemente em público, momento em que, fazendo uso de sua retórica, realizava um verdadeiro espetáculo. Sua influência, como diz seu biógrafo, foi muito grande, já que auxiliou na “criação de uma consciência republicana” (JARDIM, 1978, p. 14). De espírito rebelde, “intransigente, autoritário e insubordinado, pôs na causa da República toda a sua atividade” (*Idem*, p. 15).

Embora muito discutida nos meios intelectuais, a República não foi um movimento popular, ao contrário, foi idealizada e realiza-

da pela classe dominante, especialmente por militares e demais pessoas iluminadas pelas correntes filosóficas divulgadas no século XIX, como o liberalismo e o positivismo de August Comte. Portanto, urgia que as idéias do Movimento Republicano fossem levadas aos demais e o meio mais eficaz para isso, na ocasião, era a imprensa. Silva Jardim, então, defensor da causa e buscando adeptos, explicita ainda no *Prelóquio*:

Falando é que a gente se entende, diz o provérbio popular, e é falando claro, razoável, digno, que todos poderemos chegar à unificação da opinião e da conduta política. A República nada teme, tudo estuda, tudo discute, tudo concilia, tudo melhora; porque a República é a Pátria, é forçosamente o Bem. (*Idem*, p. 242)

A imprensa, como veículo de divulgação de informação e formadora de opinião, acaba, também, representando a realidade retratada, mostrando como são traduzidas as posições e interesses dos indivíduos que compõem a sociedade, como pensam que ela é, como agem, ou como gostariam que ela fosse. E o veículo onde o pronunciamento de Silva Jardim foi publicado não era diferente. Na ocasião, a imprensa escrita multiplicava-se e muitos desses jornais vinham à lume na intenção de serem porta-vozes da sociedade, ou como diz Mello (2007) feitos para o povo, para as causas do povo. O *Correio do Povo*, um órgão republicano, que circulou de 1889 a 1891, dirigido por Alcindo Guanabara, foi um desses. Muitos dos textos nele publicados questionavam a Monarquia, discutiam a República com a finalidade de reunir possíveis adeptos à causa.

Analisaremos, pois, a seguir, *O Movimento Republicano*, de Silva Jardim.

2. *Análise do Movimento Republicano*

Van Dijk ensina que uma das mais importantes noções semânticas a ser estudada nos textos é a de *coerência local*, explicando que essa é observada em proposições referentes aos fatos relatados, por meio de relações de tempo, condição, causa e consequência.

Assim, quando o veículo em que foi divulgado o discurso de Silva Jardim intitulou-o “Movimento Republicano”, já exigia que os

leitores recorressem ao seu “script” e previssem o que seria tratado no texto.

Por outro lado, o jovem, ao afirmar a seus interlocutores: "Aqui estou *de novo*, diante de vós, na tribuna popular, a cumprir o meu dever de apostolar o nosso ideal republicano, e de combater o erro monárquico" (p. 196, grifos nossos), faz com que todos infiram que já estivera em plenários outras vezes para discutir seu ideal e combater aquilo que os presentes e, posteriormente, seus leitores (já que se tratava de um jornal defensor das causas republicanas) questionavam.

Van Dijk informa que outra propriedade do discurso, somada à coerência local, é a global, já que o texto é uma unidade semântica, cuja principal informação advém de sequências organizadas, selecionadas, topicalizadas e sua compreensão depende de operações como a de seleção e abstração por parte de seu leitor. Isso se vê com clareza no discurso proferido por Silva Jardim, quando, por exemplo, tece uma crítica àqueles que ainda se posicionavam contra os ideais republicanos:

Senhores, é de lamentar que nem todos os que se preocupam das questões de direção e de governo da sociedade se tenham ainda libertado de preconceitos metafísico, que na vida política os levam ao vago nas meditações e nos atos e ao empirismo desregrado o mais fálvel (p. 197).

Sabia que seus ouvintes utilizar-se-iam de seu conhecimento de mundo para inferir que estava se dirigindo a Joaquim Nabuco.

O mesmo conhecimento autoriza-o a citar, subliminarmente, as correntes filosóficas que norteavam os estudiosos à época, para criticar a postura autoritária e individualista de nosso monarca em várias passagens do texto:

Nós vivemos sob o régimen de *leis naturais*, e nada a elas escapa: nada há que resulte apenas da nossa vontade individual; (p. 197, grifos nossos);

Poder-se-ia supor uma força capaz de fazer a nós, brasileiros, habituados à *liberdade* e somente até aqui tolerando a sua mistificação pelo receio de subverter a ordem, de nos fazer aceitar o régimen da monarquia absoluta (...) (*Idem*)

Agora, criticando a morosidade com que agia a monarquia brasileira, verbaliza:

Não ides pensar, um instante, senhores, que eu condene a lei que aboliu a escravidão no Brasil. Em meu pensar, não resta dúvida que é certo que a lei de 13 de maio foi, depois da independência, o ato mais gloriosos de nossa pátria; mas não é menos certo que foi um ato tardio e violento: fazer uma cousa rapidamente não quer dizer fazê-la cedo, nem fazê-la bem (...) (p. 206)

Recorrendo à História para assegurar seu posicionamento, constata: "Que foi a Revolução Francesa, senão o produto do egoísmo das massas ferido?" (p. 209)

Muitos outros são os exemplos em que, sabendo a quem se dirigia, sabendo o que poderia ser compreendido e inferido por sua audiência, cita e deixa ao outro a responsabilidade de completar os não ditos.

Para Van Dijk, palavras, períodos e outras expressões textuais que podem ser inferidas no texto comportam importantes dimensões ideológicas. Assim, segundo ele, a análise do não dito pode se mostrar, muitas vezes, mais relevante que a leitura do que vem expresso textualmente.

Já Guimarães (2009, p. 62) informa que as diferentes significações dos enunciados embutidas nos implícitos, condicionam-se ao contexto no qual o enunciado foi produzido, do ato de fala e da intenção comunicativa.

No discurso proferido por Silva Jardim, há muitos implícitos e seu uso é bastante estratégico. Por meio deles ora critica, ora denuncia, ora ironiza o Imperialismo, como em:

(...) antigamente *éramos acusados* [por quem?] de ser um partido de moços utopistas ou de velhos políticos descrentes da monarquia, por verem burladas as suas pretensões. Os elementos conservadores do país, os homens graves, refletidos, sem pretensões, não estão convosco, diziam [quem?!] E, entretanto, agora, senhores, que esses elementos estão entre nós, acusam-nos justamente por isso mesmo! É o caso de a *tais amigos* só responder com o riso! (p. 208, grifos nossos)

Convidando sua audiência a inferir, por meio de seu estilo vigoroso, que os republicanos seriam de toda forma criticados... pelos imperialistas.

Para Van Dijk, estilo é o resultado de escolhas entre variados caminhos de se dizer a mesma coisa, utilizando-se de diferentes pa-

lavras, ou diferentes estruturas sintáticas. Para ele, o estilo pode ter implicações sociais e ideológicas, porque, muitas vezes, essas escolhas revelam a opinião do locutor sobre os atores e a situação comunicativa. No texto em estudo, o estilo de Silva Jardim é eloqüente:

Cidadãos! A grandeza do movimento republicano ressalta evidentemente de suas gloriosas origens, de sua justa legitimidade (...). A aspiração, já agora inabalável, da classe eminentemente conservadora de nossa pátria, é demais, desde 1870(...) (p. 212)

Repleto de figurativizações:

O viajor que atravessa o Saara é presa do fenômeno enganador da miragem. Oásis benditos, sorridentes, vicejantes; casarias brancas, cidades, campos, povos: tudo acode à sua vista como um deslumbramento; e o viajor fatigado caminha cheio de esperança... Caminha... e a miragem não se torna realidade; tudo lhe é ilusão à vista, tudo lhe é um sonho à alma! (p. 212)

E de negações, como:

No preencher esta gloriosa tarefa, não há retroceder um ponto: contra a zombaria ignorante e má, a afirmação consciente e serena; contra a pedrada, o argumento, contra o tiro assassino, a perícia do cirurgião que extraia a bala (...)

Não há parar um instante, se nem diante da morte, também não diante da tristeza negra das prisões (...)

Não há parar um só dia: são muitos e acumulados os recursos do regime do erro, da ignorância e da maldade, ara impedir o advento da nossa aspiração (...) (p. 196)

Sublinhamos aqui, seguindo Maingueneau (1989), o caráter polifônico dessa construção, fazendo emergir do texto um enunciador que sustenta os ideais republicanos, com o qual, parece a audiência se identificar e para quem nada é impossível, contrapondo-se ao enunciador que divulga a voz da monarquia, como compreendida por ele: defendida por cidadãos ignaros, regime do erro, da ignorância, da maldade.

Neste jogo polifônico, Silva Jardim constrói-se e se mostra a seu auditório (leitores). Aristóteles, em sua Retórica, explica que o locutor persuade por seu caráter (*ethos*) quando seu discurso o torna um orador digno de fé e que a construção do *ethos* é, sobretudo, uma construção do discurso. Silva Jardim mostrava-se intrépido, batalhador, questionador e sua audiência o acompanhava aplaudindo, ova-

cionando, vibrando, e essas marcas não foram apagadas no texto, depois, publicado no jornal:

(...) a monarquia usa de seduções à invidência do talento, a força do egoísmo, e às fraquezas do caráter; e é mister tudo combater, para que caia de todo o erro, isto é, o Império, e se alevante a grandeza da Pátria, isto é, a República! (*Aplausos*). (p. 196, grifos nossos).

(...) diante das fatalidades cósmicas e sociais, e de atividade contínua, incessante, para a aspiração do bem: - do verdadeiro, do belo e do bom! (*Muito bem! Muito bem*) (*Idem*).

Frisamos aqui a eloquência do texto de Silva Jardim, jovem reconhecidamente intempestivo, arrogante, corajoso que fazia vibrar audiência, defendia fervorosamente a República, praticamente exigindo a adesão de seu auditório. Frisamos aqui também as palavras de Silvio Romero (1888, p. 541, v. 2): "As peças oratórias eram escritas para serem recitadas, mas eram-no com verdadeiro entusiasmo (...) O povo que nada lia, era ávido por ouvir os oradores mais famosos..."

E o povo cria em suas palavras, emaranhava-se nas tramas de seu discurso repleto de figuras retóricas, como, por exemplo, interrogações, usadas estilisticamente, fazendo com que cada interlocutor a elas respondesse mentalmente:

Poder-se-á negar a Marcha da Humanidade para o bem? (p.198)

Se o movimento republicano não é um fato de caráter social, se é produto unicamente da revolta do egoísmo ferido, como o receais? (p. 199)

Ou como por meio de assíndetos:

Artistas, escritores, médicos, pensadores, mestres, todos os homens de pensamento aderem aos programas de reformas sociais antes que os agricultores, os comerciantes, os fabricantes, os banqueiros. É um erro? Não: é uma necessidade. (*Muito bem!*) (p. 201)

Enumerando os intelectuais que participavam do movimento, mas sublinhando que o povo nele precisaria acreditar.

Utilizando-se de apóstrofes, conclama o povo:

Senhores, é de lamentar que nem todos os que se preocupam das questões de direção e de governo da sociedade se tenham ainda libertado de preconceitos metafísicos (...) (p. 197) interpelam os interlocutores, chamando-os para o discurso, tornando-os colaboradores do texto. Re-

força essa função o uso do pronome pessoal majestático: (...) é em defesa dos nossos que aqui estou, sem ódio, nem paixões, sem o propósito da ofensa (...) (p. 196).

Metáforas e sinédoques embelezam o texto, tornando-o ainda mais crível, já que utilizadas como elemento argumentativo, convencendo pela paixão (*pathos*):

Notai bem, senhores, que os lavradores não receberam a lei da abolição com as armas na mão: o que eles fizeram foi desquitar-se das suas ligações espirituais com o trono, no que tiveram tanto mais razão quanto não era precisa grande sagacidade para compreender que a monarquia tinha e tem sido a nossa ruína (...) a lavoura não fez mais do que, especialmente em Minas, retomar as suas tradições (...) (p. 204).

Recordemo-nos aqui que

O efeito estético nasce quando o código é percebido como mensagem e a mensagem é percebida como código, o texto é transferido de um para outro sistema de comunicação, enquanto o público tem a percepção de ambos (RIBEIRO, 2006, p. 24)

E seu público sentia a força desses ornamentos no discurso.

Como pudemos perceber, o discurso de Silva Jardim, publicado na íntegra, um ano depois, leva-nos a deduzir por que ele fora mantido na gaveta esse tempo todo, tendo sido dado a público quase às vésperas da Proclamação da República: acreditamos que, em virtude de ser muito forte, muito combativo, muito envolvente e produzido num “tom” quase revolucionário, mobilizando a audiência a posicionar-se contra a Monarquia, poderia trazer prejuízos ao jornal, mesmo sendo o *Correio do Povo* um veículo de divulgação Republicana.

A voz de Silva Jardim ratifica os dizeres de seu biógrafo, para quem era ele um dos mais representativos "ideólogos da corrente radical" (JARDIM, p. 9), fazendo emergir a vibração, o jovem: "no estilo da Revolução Francesa, meio a Danton, meio a Camille Desmoullins, que queria a participação do povo" (...) naquele momento histórico. (*Idem*, p. 10).

Logo, Silva Jardim sabia o que queria dizer e, mais, sabia como dizer:

O agente constrói uma certa representação sobre a interação comunicativa em que se insere e tem, em princípio, um conhecimento exato

sobre sua situação no espaço-tempo; baseando-se nisso, mobiliza algumas de suas representações declarativas sobre os mundos como conteúdo temático e intervém verbalmente. (BRONCKART, 2003, p. 99)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo, Educ. 2003.
- FÁVERO, L. L. e MOLINA, M. A. G. A propaganda republicana na imprensa. *Revista da ANPOLL*, n. 25, p. 93 a 106.
- GUIMARÃES, E. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAINGUENEAU, D. *Análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 1989.
- RIBEIRO, J. A. *Transdisciplinaridade: literatura brasileira e jornalismo/Correio Mercantil*. São Paulo: Fernando Bilah, 2006.
- JARDIM, A. Silva. *Propaganda republicana*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1978.
- SOUZA, A. R. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
- VAN DIJK, T. A. *New as discourse*. New Jersey and London: Lawrence E. Associates, 1988.